



# Florbela

## 1º. ATO

*Na abertura do pano vê-se sob um pedestal o busto de Florbela Espanca, no proscênio, à esquerda. O busto deve ser a imitação daquele colocado no Jardim Público de Évora. A atriz está dentro de uma caixa que forma o pedestal, só aparecendo o rosto. Cabelo e postura (mãos cruzadas apoiando o queixo) devem ser semelhantes ao referido busto da poeta. Luz cinza sobre ela, acentuando a semelhança com estátua. Figurinos dos atores são dos anos 30. Cenário: uma praça*

### Cena 1: A briga

**Personagens:** Jornalista, Freira, Mulher elegante, Homem jovem, Homem de chapéu, Mulher intelectual, Aurélia Borges (escritora e amiga), Buja (amiga de infância), Escritor 1, Escritor 2 David Celestino (biógrafo de Florbela e quem sugeriu a estátua), Poeta José Régio.

*Música se inicia um pouco antes da abertura do pano e deve ser o tema de Florbela: é a música do Alentejo, “Alecrim”, tocada bem lentamente, só com instrumentos. Acompanha, em surdina, o diálogo a seguir. À medida que o diálogo prossegue vai mudando o ritmo e se transforma num hino de guerra.*

***Do fundo do palco começam a surgir vultos que gritam frases, aqui e ali.  
E vão se aproximando do proscênio.***

**Jornalista** – Não gosto nem de ouvir esse nome: Florbela Espanca! Até o nome é estranho!

**Homem de chapéu** – Sempre disse e fez coisas do arco da velha!

**Homem jovem**- Disse mais de uma vez em seus poemas que se sentia igual a Deus!

**Jornalista** - Blasfema!

**Freira** - E como se não bastasse afirmava desejar o amor carnal de um Deus.  
**(Muda a voz para imitar Florbela)** “Amor de um homem? Não! Quero o amor de um Deus” **(Faz o sinal da cruz)**

**Mulher elegante usando chapéu** - Não tinha vergonha de expor seus mais ardentes desejos. Inclusive sexuais!

**Jornalista** – Teve uma vida privada que é uma página negra! Sua obra é moralmente perniciosa!

**Homem jovem ( Dirigindo-se à Freira)** - E teve a coragem de denominar-se a si mesma Sórora. Sórora, vejam só! Uma religiosa que levantava o hábito para os prazeres do sexo!

**Freira** – **(Faz o sinal da cruz)** Livrai-nos, Senhor!

**Mulher elegante** - O pai é um devasso que engravidou uma empregada e depois traiu a mulher, novamente, com outra criada. Viveram os três, pai, esposa e a amante na mesma casa. E Florbela apoiava essa situação pecaminosa!

**Homem de chapéu** – Pois não haveria de aprovar! Ela mesma é fruto do primeiro desses crimes! A mãe dela era a criada que o pai engravidou.

**Jornalista** - *Essa senhora deveria limpar os lábios com carvão ardente em virtude das infâmias ditas em seus poemas.*

**Homem de chapéu** – Um horror! Infâmias! Só infâmias!

**Mulher intelectual** - (*Entrando pela esquerda e dizendo suas palavras com desdém*) É uma diletante intelectual, de um coquetismo patético. Tem langores de estrela de cinema, carregada de pó de arroz.

*Entram no palco, pelos dois lados, os defensores de Florbela. Com os detratores que já estão no palco, formam-se dois grupos.*

**Aurélia Borges, escritora e amiga** - (*Dirigindo-se ao grupo de detratores de Florbela*) Mas vejam só, olhem só para esta gente. Não têm mais que fazer? Ficam na praça falando mal de quem já morreu? Gentinha ordinária! Invejosos! (*Dirige-se diretamente ao grupo*) Vocês morrem de inveja de Florbela!

**Escritor 1** - Poucas vezes se viu neste mundo alguém ter a sua vida pessoal tão devassada. Nunca se imiscuiu tanto na vida particular de alguém como na de Florbela!

**Jornalista** – Quem provocou isso foi ela! Não se dava ao respeito. Três maridos, dois divórcios e alguns amantes... Aliás, muitos amantes!

**Aurélia Borges** - Essa moral salazarista de vocês não admite padrões de conduta diferentes. O que Florbela fazia às claras vocês fazem às escondidas!

**Mulher elegante** - (*Do alto de sua sofisticação*) – Às escondidas, não. Veja lá como fala e com quem fala! Sou uma senhora da sociedade portuguesa. Quanto a Florbela, todos sabemos: só deu péssimos exemplos! Fora o que se diz a respeito de suas relações com o irmão. Falam que o amor que sentia por ele era exagerado: (*agora, com ódio*) até incestuoso!

**Aurélia Borges – (Com indignação)** Calúnia! Calúnia deslavada!

**Buja - (Amiga de Florbela )** Mais uma infâmia contra Florbela! Isso nunca foi verdade! Fui uma de suas amigas mais íntimas – amiga de infância - e sei que não era verdade! Florbela amava o irmão como a um filho.

**Mulher elegante – (Irônica)** Ah! Era sua amiga? Então tem mesmo que defendê-la. E talvez seja igual a ela!

**Buja – (Enfurecida, avança para a outra querendo agredi-la)** Perversa! Você é como esses outros: só quer ofender!

**Escritor 2 – (Contendo Buja, mas também muito zangado)** Calúnias, intrigas, crueldade!

**Jornalista –** E querem agora erguer uma estátua a essa mulher! Isso é que é crueldade. Com o país, com as mulheres portuguesas, com a população!

**Celestino David –** Alto lá com as bobagens que diz! Quem sugeriu fazer este busto fui eu! Ela merece!

**Freira –** Então o senhor quis escarrar na honra do país. Essa estátua é uma afronta!

**Celestino David –** Qual afronta, senhora! Não diga asneiras, por favor! Foi para homenagear a maior poetisa que este país já teve!

**Mulher elegante – (Irônica, perversa)** Deviam ter feito a estátua dela se drogando! Ela gostava tanto de drogas que acabou morrendo por causa delas!

**Escritor 1 –** Mentira! Florbela só começou a tomar calmantes depois da morte do irmão. E era o marido que os receitava.

**Jornalista -** Qual dos maridos meu senhor? Ela teve tantos! Uma estátua a essa mulher cuja obra reflete uma posição oposta ao que está escrito na

instituição portuguesa é ato de sabotagem, representa uma traição ao que se jurou defender!

**Escritor 2** - Lá vem a moral salazarista outra vez!

**Escritor 1** – Quem receitava os calmantes era o doutor Mário Lage, médico! O marido.

**Mulher elegante** - Aliás, teve dois maridos médicos. Corrijo-me: um era marido, o outro amante. Pelo visto gostava de médicos...

**Freira** - De médicos e dos outros. Bastava que usassem calças.

**(Os inimigos riem-se)**

**Escritor 2** – **(Para a freira)** A senhora, como freira, está me saindo uma ótima língua! Não se envergonha de falar mal dos outros? É contra a sua religião!

**(Para os outros)** Vocês não sabem o que dizem! Florbela era uma mulher incrível. Dedicada à família, ao pai, ao irmão...

**Mulher elegante** – Isso é conversa! Se fosse tão boa pessoa o pai já poderia tê-la reconhecido. É filha bastarda e o Sr. Espanca nunca a perfilhou. Por que não o fez? Aliás, num dos seus últimos casamentos, pai e irmão romperam com ela, indignados com a falta de moral dessa senhora. E olhe que para o velho Espanca – um homem amoral – indignar-se com atos libidinosos da filha é para que isso fosse em dose cavaluar!

**Aurélia Borges** - Torno a repetir: tudo isso é inveja do talento de Florbela Espanca.

**Escritor 2** – É isso. Inveja! Esse escândalo todo é porque em Portugal é proibido a uma mulher pensar. Quanto mais escrever poesia!

**Jornalista** – Poderia, sim, escrever poesias. Muitas mulheres escrevem poesias em Portugal. E até poesias de amor. Mas em vez de se ocupar do

amor dignificante, que salva e eleva, Florbela sempre se dedicou ao amor destrutivo, que perturba, envenena e mata!

**Aurélia Borges – (Rindo)** Mas qual amor que envenena e mata! O que vocês não querem é reconhecer o talento de Florbela. Ter talento, para uma mulher, no Portugal de hoje, é crime!

***Os dois grupos estão cada vez mais empenhados na luta verbal. Florbela, no proscênio, continua no papel de estátua.***

**Freira** - Dizem que no dia da sua morte teve que ficar lá, esticada e fria, foi impossível enterrá-la por que caiu uma tempestade em Matozinhos. Ficou a noite inteira no caixão, à espera de que o tempo serenasse. Até o céu protestou contra aquela vida!

**Buja** – Vocês vêm tudo pelo avesso! Foi o contrário! Era o céu chorando a morte de uma deusa, de uma mulher inteligente e superior! Talentosa!

**Escritor 2** - Tão talentosa que apesar de toda a campanha contra ela o livro publicado postumamente se esgotou em uma semana!

**Freira** – Claro, o público aprecia histórias de safadezas, erotismo, sem-vergonhices! O povo português já não é mais o mesmo!

**Mulher elegante** - O povo português anda agora a aplaudir esta mulher promíscua – vários maridos, comportamento estranho para os nossos padrões morais e duas tentativas de suicídio. **(Rindo, disfarçadamente)** Na terceira... foi-se!

**Buja** – **(Para a Mulher Elegante)** Tem coragem de rir-se de uma morte? Que espécie de gente você é?

**Mulher elegante** - **(Disfarça, vira-se de costas)** **Escritor 2** - Meu Deus que falta de grandeza! Nunca vi ódio tão grande a uma pessoa! Esmiuçaram sua

vida, analisaram seus passos em Évora, em Vila Viçosa, em Lisboa, inventaram torpezas, calúnias, parece um processo inquisitorial.

**Escritor 1** - São como corvos farejando mortos!

**Aurélia Borges** - A perseguição é total e não acaba. Queríamos transportar seus restos mortais para Vila Viçosa, a sua cidade e a Igreja Católica não permitiu. Quem é a Igreja para decidir sobre o corpo de Florbela?

**Escritor 2** - A Igreja está sob o tacão salazarista. Só faz obedecer o governo...

**José Régio, o poeta** - (*Entrando em cena*) Não é impunemente que um ser excepcional como ela nasce mulher!

**Escritor 2** – Oh! meu caro poeta José Régio. É uma honra vê-lo!

**José Régio** - Essa glória que Florbela conquistou não é daquelas que só duram o dia em que nascem. (***Olha para a plateia***) Florbela nasceu para brilhar, para trilhar um caminho só dela. Um caminho cheio de luz!

***(Apoiadores batem palmas, detratores iniciam uma vaia que as palmas dos amigos encobrem)***

**José Régio** – Sempre gostei das pessoas que se negam a traçar rotas conhecidas. Um poema meu diz assim: “Vem por aqui – dizem-me alguns com olhos doces/ estendendo-me os braços, e seguros/ de que seria bom que eu os ouvisse/ quando me dizem ‘vem por aqui!’/ Eu olho-os com olhos lassos/ (Há nos meus olhos ironias e cansaços)/ E cruzo os braços/ E nunca vou por ali”

***(Defensores da poeta aplaudem)***

**Celestino David** – Isso, poeta! Isso! Ela também não foi por onde achavam que devia ir!

**José Régio** - Ah! Florbela! Florbela! Parece que estes meus versos foram feitos para ela: “Ninguém me peça definições!/Ninguém me diga ‘vem por

aqui'/A minha vida é um vendaval que se soltou/É uma onda que se  
alevantou/É um átomo a mais que se animou.../Não sei por onde vou/Não sei  
para onde vou/ Sei que não vou por aí!"

***Os defensores de Florbela aplaudem, novamente. Os outros vão.***

**Buja** –Ela não trilhou o caminho traçado para as mulheres neste Portugal tão amado e tão atrasado!

**Mulher elegante** – Trilhou um caminho diferente: cheio de lama!

**Buja** - Cale a boca, espantalho!

***Os dois grupos – o dos detratores e o dos defensores – iniciam agora  
quase que um balé desafiador!***

***Coro dos defensores, em jogral:***

Nasceu mulher e mulher flor!

Tantas almas dentro dela!

Ah! Florbela! Inspiração

E coragem pra lutar!

Tanta audácia para amar!

Poeta grande cujo nome

varou tempos, infinita

Soberana, triunfante

tua estátua será posta

neste solo, nesta vila! (BIS)

***Canto dos detratores:***

Impudica, insaciável!

Doidivas, prostituta!

Ah! Florbela! Tresloucada!

Incestuosa, escandalosa

Desvairada e devassa

Mau exemplo no país!

Literata infeliz!

Ah! Farsante! Tua estátua

Não se erguerá neste país! (BIS)

***Os poemas são acompanhados de gestos guerreiros. São repetidos algumas vezes e vão baixando de tom. A personagem de Florbela/estátua começa a se mover lentamente, as paredes da “caixa” caem para os lados, a poetisa caminha para a boca de cena onde declama versos com o fundo musical da música guerreira e os contendores se digladiando ao fundo.***

**Florbela** – Que diga o mundo e a gente o que quiser!

O que é que isso me faz? O que me importa?

O frio que trago dentro gela e corta

Tudo que é sonho e graça na mulher!

***A música de fundo continua um hino guerreiro, mas os contendores desapareceram. Florbela no centro do palco, abre os braços e diz trecho do seu “Versos de Orgulho”***

O mundo quer-me mal porque ninguém

Tem azas como eu tenho! Por que Deus

Me fez nascer Princesa entre plebeus

Numa torre de orgulho e de desdém.

Porque meu Reino fica para além...

Porque trago no olhar os vastos céus

E os oiros e clarões são todos meus!

Porque eu sou Eu e porque Eu sou Alguém!

*Luz vai apagando e se mantém apenas em Florbela até o final do poema. Então, apaga. No escuro, a música guerreira se torna muito forte. Desce cortina com pintura do campo alentejano. Música passa do ritmo guerreiro para um fadinho alegre.*

### Cena 2 – Florbela na juventude

Cenário: campo alentejano

Personagens: Florbela, seu irmão Apeles, Buja, a amiga e Alberto Moutinho, o namorado.

*Apeles, Buja e Alberto Moutinho brincam como num balé. Usam roupas coloridas e leves. Florbela entra em seguida, tem nas mãos um buquê de flores e as distribui ora a Buja, ora a Apeles, ela abraça o irmão, beija a amiga e se faz coquete para Moutinho. Corre, alegre, pelo palco dirigindo-se a ele.*

Florbela - (*Para Moutinho*) – Não andes tão distraído

Contando as pedras da rua

Não sei pra que finges tanto...

Tu és meu e eu sou tua...

Moutinho - (*Respondendo*) – Amar a quem nos despreza

É sina que a gente tem

Eu desprezo quem me odeia

E adoro quem me quer bem.

Florbela - (*Muito coquete*) Levanta os olhos do chão,

Que podes ganhar assim?

Se Deus nos fez um pro outro

Para que foges de mim?

**Buja - (*Brincando com os dois, rindo-se deles*)**

Ai, tirem-me o coração

Que o tenho todo desfeito!

Cada pedaço um punhal

Que traço dentro do peito!

**Florabela – (*Brincando com Apeles, o irmão*)** Ah! Meu irmão! Meu irmão querido, adoro estes teus olhos: Teus olhos têm uma cor

Duma expressão tão divina

Tão misteriosa, tão triste

Como foi a minha sina.

**Buja (*para Apeles*)** – É uma expressão de saudade

Vogando num mar incerto.

Parecem negros de longe

Parecem azuis de perto.

**Florabela (*Novamente para Moutinho*)** Eu quero viver contigo

Muito juntinhos os dois

O tempo que dura um beijo

Embora eu morra depois.

**Moutinho (*Brincando com a namorado*)**

Meu coração é ruína

Caindo todo a pedaços

Oh! dá-lhe a hera piedosa

Bendita desses seus braços.

**Florabela (*Foge do namorado e diz os versos de longe*)**

Há sonhos que ao enterrar-se

Levam dentro do caixão

Bocados da nossa alma

Pedaços do coração!

**Moutinho** : Não julgues tu que me importo

Quando passas sem me olhar

Lembra-me logo o ditado

“Quem desdenha quer comprar” (Bis)

***Moutinho toma Florbela nos braços e a beija. Apeles e Buja riem e aplaudem.***

**Moutinho** – Bela, cessa aqui a brincadeira! Muito bom isso de ficarmos dizendo uns aos outros versinhos compostos por ti, mas na verdade o que eu quero é casar-me contigo! Vamos nos casar! Queres? O mais depressa possível!

**Florbela** – (***Decisiva***) Não, Alberto. Somos ainda muito jovens! Nada de casamento! (***Ela foge dele***)

**Buja** – Deixa-te disso, Bela! Vocês se amam!

**Apeles** – E se conhecem há tempos!

**Moutinho** – Claro! E não quero esperar mais! Tu me provocas, deixas-me louco! E depois foges?

***(Tenta agarrá-la novamente e ela escapa)***

**Florbela** – Temos que terminar o nosso curso, tu e eu. E eu quero ir para Lisboa, estudar advocacia.

**Moutinho** – Bela, as mulheres em Portugal não estudam advocacia. Deixa-te disso! As mulheres em Portugal casam-se!

**Florabela** - *(Como se não tivesse escutado)* E além de estudar Direito tenho muitas outras coisas a fazer! Há tanto para pensar, estudar, escrever, tanto para... Quero publicar livros, Alberto! Quero que reconheçam que sou poeta! Entendes isso? *(Ligeira pausa)* E também estou preocupada com essa guerra que parece que vem...

**Moutinho** – Estás louca? Qual guerra? Onde estás a ver guerra?!

**Apeles** – E o que temos nós com a guerra, Bela? Se é que aí vem alguma guerra...

**Florabela** – A guerra se aproxima, sim. Ouçam os versos que fiz para as mães de Portugal, as que dizem que não deixarão os filhos irem para a guerra... *(Ela para, olha o infinito, declama)* “Oh Mães doloridas, celestiais/Misericordiosas, oh mães d’olhos benditos, lireais/ oh! mães piedosas!”

**Moutinho** – *(Reclamando)* Bela! Eu te falo de amor e tu me vens com mães de Portugal?

**Buja e Apeles riem-se.**

**Apeles** – Presta atenção no que diz o Alberto, Bela!

**Florabela** – *(Continuando)* “Calai as vossas magoas, vossas dores/Longe da crua guerra/vossos filhos defendem, vencedores/ a nossa linda terra!”

**Moutinho** – *(Quase gritando)* Bela! Ouviste o que eu disse? Vamos nos casar! Não prestas atenção ao que eu digo!

**Florabela** – *(Ela continua declamando, alheia ao namorado)* “Dum português bendito, sem igual/ Eu sigo o mesmo trilho/Por cada pedra deste Portugal/ Eu arriscava um filho!”

**Moutinho** – *(Desesperado, zangado)* Ficas fazendo poemas à toa, Bela. Nem filhos tens! E te preocupas com os filhos das outras...

**Florabela** – Mas Alberto, é o que eu sinto! (***Olha para ele, tomada agora de grande ternura***) Vem aí uma guerra e fico preocupada com os rapazes que vão ser enviados à luta... Mas eu também te amo! Amo-te tanto! (***Olha para a frente, para o infinito e declama outro verso***)

Eu sei que me tens amor

Bem o leio no teu olhar.

O amor quando é sentido

Não se pode disfarçar!

**Moutinho** – Com tanta contradição

O que é que a tua alma sente?

És alegre como a aurora

E triste como um poente!

**Apeles** – (***Intrometendo-se entre eles***) Parem com versos e respondam: casam-se ou não?

**Florabela** – Fico a cismar pensativa

Neste mistério encantado...

Digo pra mim: de nós dois

Quem ama e quem é amado?

**Apeles** – Responde, Bela! Não disfarces!

**Florabela** - Li um dia, não sei onde

Que em todos os namorados

Uns amam muito e os outros

Contentam-se em ser amados

**Moutinho** – (***Agarra a namorada à força, beija-a***) Não quero mais desculpas!

Nem trovas! Vamos marcar o casamento!

***Luz se apaga sobre eles enquanto os quatro se abraçam, rindo e festejando a decisão de Moutinho. No escuro ouvem-se acordes da Marcha Nupcial. Vozes gritando “vivas” aos noivos. Luz se acende novamente e Florbela, de vestido de renda longo, com um buquê colorido, passa correndo fugindo do noivo, que vem atrás, ao som da Marcha Nupcial. Beijam-se no meio do palco e fogem novamente. Luz apaga***

Cena 3 – Na Faculdade de Direito

Cenário: telão com foto de Lisboa

**Personagens: Quatro estudantes e Florbela**

***(Os rapazes com os uniformes de universitários portugueses – terno preto e capa preta e pastas tradicionais) – conversam. Único elemento do cenário é uma escada de pedras, à direita)***

**1º. Rapaz** – Vocês já leram o livro publicado por nossa colega Florbela Espanca?

**2º. Rapaz** – O tal “Livro de Mágoas”? Sim, já li. Uma indecência. Um livro licoroso, próprio só para homens.

**3º. Rapaz** – Dizem que foi o pai, um antiquário de Vila Viçosa, ex sapateiro ou comerciante de couros – o homem tem algum dinheiro – quem financiou a edição. Foram só duzentos exemplares. Acho que nem o pai confia na literatice da filha...

**4º. Rapaz** – Temos que reconhecer que os versos são extraordinários, fortes, ricos de cor e de imagens. Pena que o conteúdo seja nocivo...

**1º. Rapaz** – Isso é o que dá as famílias mandarem as filhas às universidades.

**3º Rapaz** – E o pai de Florbela parece que é todo moderno: é também o introdutor do cinematógrafo em Portugal...

**2º. Rapaz** – Cinematógrafo. Que diabos é isso?

**3º. Rapaz** – Cinematógrafo é uma geringonça que projeta figuras numa tela branca. Quem já viu diz que é interessante...A diversão do futuro!

**1º. Rapaz** – Pois foi esse pai moderno que mandou a filha à universidade... Agora já são catorze mulheres entre trezentos e quarenta homens. Se continuar assim dentro de alguns anos elas serão em maior número do que nós...

**3º. Rapaz** – Não, isso não acontecerá! Jamais! As mulheres – pelo menos as que eu conheço, gostam é de bordar, tocar piano, comprar pó de arroz e viajar com as mães para as estações de águas e no verão para as praias onde serão cortejadas por rapazes simpáticos – e ricos! – seus príncipes encantados...

**4º. Rapaz** – Já não é apenas assim, há as que gostam de ler romances...

**3º. Rapaz** – Romances, porém adocicados...

**1º. Rapaz** – Mas esta Florbela, ao que parece, foge de coisas adocicadas. Só gosta de coisas apimentadas...

**2º. Rapaz** – (*Fingindo-se desinteressado*) Tem um poema – só passei os olhos, não me interessa por poemas de mulheres – mas tem um poema que diz assim. Escutem: “Beija-me as mãos, Amor, devagarinho.../ Como se os dois nascêssemos irmãos/ Aves cantando ao sol, no mesmo ninho/Beijas-mas bem! Que fantasia louca/Guardar assim, fechados, nestas mãos/Os beijos que

sonhei pra minha boca” (**Ele termina exagerando nas palavras e no sentimento, como que ridicularizando a autora**) Que tal?

**4º Rapaz – (Com ironia)** Leste tantas vezes que já os tens decor...

**Os outros riem-se.**

**2º. Rapaz** – É uma senhora muito corajosa, essa Florbela. Só quer saber de beijos loucos, amores despudorados, almas despedaçadas! Cáspite! Olha só pra isto! (**Ele tira da pasta o livro** ) Vou ler-vos mais alguma coisa...

**Os outros riem-se mais.**

**1º. Rapaz** – Olhem só, ele até já comprou o livro!

**2º. Rapaz – (Lendo)** “Bendita seja a mãe que te gerou/ Bendito o leite que te fez crescer/ Bendito o berço aonde te embalou/ a tua ama pra te adormecer/ Bendito sejam todas que te amarem/ as que em volta de ti ajoelharem/ Numa paixão fervente e louca! E se mais que eu, um dia, te quiser/Alguém, bendita seja essa Mulher/Bendito seja o beijo dessa boca!”

**4º. Rapaz – (Entusiasmado)** Vocês têm que admitir! São versos lindos!

**2º. Rapaz – (Com o livro na mão)** Mas eróticos, imorais! (**Para o 4º. Rapaz**) Tu deixarias que uma tua irmã lesse isto?

**3º. Rapaz** – Lê pra aí mais alguns versos! Até excito-me!

**2º. Rapaz** – “Tenho vinte e três anos! Sou velhinha!/Tenho cabelos brancos e sou crente.../Já murmuro orações... falo sozinha/E o bando cor-de-rosa de carinhos/Que tu me fazes, olho-os indulgente/ como se fosse um bando de netinhos...”

**Todos riem-se.**

**2º. Rapaz** – Ela confessa que o noivo, ou marido, ou amante - sabe-se lá quem - lhe faz carinhos cor-de-rosa... E o que seriam carinhos cor-de-rosa? (***Dá uma gargalhada.***)

**3º. Rapaz** – O que eu tenho medo é que daqui a pouco nossas noivas e namoradas queiram carinhos cor-de-rosa. E como faremos? Temos que perguntar á colega o que seriam carinhos cor-de-rosa...

**4º. Rapaz** – Ela não nos dará chance. É muito distante... Sempre calada.

**2º. Rapaz** – E não só. É mesmo antipática, altiva, anda por aí como se fosse uma rainha e nós os seus servos...

**1º. Rapaz** – Tem sempre um ar de desdém...

**2º. Rapaz** – Gosta de se valorizar.

**3º. Rapaz** – Pensa que é mais do que todos!

**4º. Rapaz** – E afinal, que mulher é essa? O que ela pensa da vida? O que pretende, afinal? Quem é ela?

***Florbela entra pela esquerda, tem o uniforme dos universitários de Portugal (taiêr preto e capa preta, leva pasta nas mãos). Atravessa o palco, altaneira, como se por ali não houvesse ninguém. Olha para a plateia e diz versos enquanto os rapazes cochicham do outro lado e fazem deboche da poetisa. Música alentejana ao fundo. Só um deles não adere ao deboche, o que elogiou seus versos, antes.***

**Florbela** – Eu sou a que no mundo anda perdida

Eu sou a que na vida não tem norte,

Sou a irmã do Sonho e desta sorte

Sou a crucificada, a dolorida...

Sombra de névoa ténue e esvaecida,

E que o destino amargo, triste e forte,

Impele brutalmente para a morte!

Alma de luto, sempre incompreendida!

***Ela atravessa o palco, olha os rapazes que continuam os esgares de troça e, ao olhar dela, aos poucos, eles vão se desmanchando em cena como bonecos sem enchimentos, restam imóveis. Ela os cumprimenta com a cabeça e senta-se na escada. A mesma música que acompanhou o poema de Florbela muda de ritmo – agora é intenso, forte! Luz apaga sobre os rapazes imóveis.***

Cena 4 – Florbela e a amiga Buja

(Mesmo telão da cena anterior)

**Personagens: Florbela e a amiga Buja**

**Buja – (Entrando em cena)** Olá, Bela! Procurei-te por toda a faculdade!

**Florbela – (Alegre, levanta-se para abraçar a amiga)** Buja, que bom te ver! Que alegria! Queria que soubesses como acho bom que estejas em Lisboa! A tua companhia faz-me um bem enorme! Eu não saberia viver aqui sem a tua presença. És a minha amiga, a minha confidente, a minha força. **(Pausa)** Ando tão triste, Buja. E alegre ao mesmo tempo.

**Buja – (Rindo-se)** Não me admira nada. Tu mudas com o vento. Triste e alegre? Então como é isso?

**Florbela –** É simples: triste porque descobri que a faculdade de Direito não é o que eu imaginava. Tenho remorsos, meu pai está gastando com a minha manutenção em Lisboa. E o Alberto... não fazes ideia, mas Alberto tem ciúmes dos meus colegas, acusa-me de não lidar com a casa, interrompe-me

quando estou escrevendo. Mas que posso fazer? Todas as ninharias pueris em que as mulheres se comprazem, não se dão bem nas minhas mãos. Só gosto de ler! Só gosto de escrever! Ah, Buja, a minha vida não tem sido fácil. Quando está em Lisboa Alberto só me critica! Quando está no Alentejo... acusa-me de não estar com ele. **(Interrompe-se)** O casamento, dizem, é um grilhão de flores e risos. Mas é sempre um grilhão...

**Buja** - Tens que te conformar! Afinal, é a sina das mulheres. Temos que nos submeter.

**Florbela** - Submeter-me, Buja? Isso nunca! Não acredito que as mulheres devam submeter-se. Fico entristecida é com a facilidade com que se sentem felizes: um vestido bonito e um chapéu da moda compram suas consciências. Aqui pra nós, Buja. **(fala em tom de segredo)** O casamento é brutal, como a posse é sempre brutal. O melhor beijo – o mais doce é aquele que nunca foi dado. A mim o casamento não encanta. O amor, sim. E os livros, claro! Os livros me encantam sempre! E os sonhos! Sonho muito, Buja. Sonho e sonho, e torno a sonhar e tenho planos e projetos, sou insaciável, surge um desejo e mal este se acaba um outro desponta e sofro e me alegro e duvido e creio e não consigo concentrar-me numa só coisa, às vezes tenho dias cinzentos em que só penso na morte, em outros acordo alegre como os passarinhos, ah! Buja, quem me dera entender-me! E é até por isso que não consigo submeter-me a nada e a ninguém.

**Buja** - Tem calma, criatura! Um dia depois do outro, um passo aqui e outro à frente. Faz primeiro uma coisa, depois outra.

**Florbela** - Não consigo! Não me entendo, não me conformo, não me submeto! Sofro horrores! Sofro muito! **(Pausa)** Como quando meu pequeno bebê se foi – um aborto Buja, quando eu já me via com o meu filho nos braços. Por que foi acontecer-me isso? Ao mesmo tempo me indago se talvez não tenha sido bom: meus livros podem ser os filhos que não tenho. **(Pausa)** Não terei outros bebês, Buja? Dá-me vontade de morrer ao pensar nisso...

**Buja** - És tão nova! Pensar em morrer! Deixa- te disso!

**Florbela** - Pois penso. Ainda ontem estava indecisa sobre a faculdade de Direito, indecisa quanto ao meu casamento – não posso pertencer a ninguém – Não acho que Lisboa seja um local bom para viver. Apesar disso quero ficar, aqui há bibliotecas, há a faculdade, há escritores e artistas com quem posso conversar. Mas tenho saudades do Alentejo. Tantas saudades, Buja! Tantas! Então... Penso na morte, penso em acabar. Parar de sofrer! Fiz ontem um poema. Queres ouvi-lo? **(Ela começa a dizer o poema)**

É tão triste morrer na minha idade!

E vou ver os meus olhos, penitentes

Vestidinhos de roxo, como crentes

Do soturno convento da Saudade!

E os meus vinte e três anos...(Sou tão nova!)

Dizem baixinho a rir: “Que linda a vida!...”

Responde a minha dor: “Que linda a cova!”

**Buja** - Meu Deus, Bela! Tu me assustas! Pensar em morte e em cova aos vinte e três anos!

**Florbela** - É que me desespero! Tenho dias de sol e dias cinzentos. Às vezes visto o meu vestido que tem pele de porco espinho... com os espinhos para

dentro, claro! Vivo entre a dor e a alegria. Entre o amor e o desamor. Entre a minha casa e os meus livros. Quem sou eu, Buja? Quem sou eu?

**Buja** - És uma mulher portuguesa numa luta entre o provincianismo do interior e a liberdade das grandes cidades. És uma mulher que quer amar incondicionalmente e que não admite regras nesse amor. E o teu provincianismo condena a tua falta de regras. É simples, Bela: vives um conflito permanente.

**Florbela** –(*Rindo-se* ) Agora me vens com discursos de psicologia! Não queiras também decifrar-me! Sou indecifrável, inexplicável, canso-me das minhas mesmices e ao mesmo tempo adoro a minha personalidade, o meu caráter, a minha sinceridade. Que ninguém me obrigue a seguir por caminhos que não quero, que ninguém me obrigue a dizer coisas que não sinto. (*Pausa*) Agora mesmo, por exemplo... (*Ela para, hesita*) Queria contar-te algo. (*Para novamente*) Acho... (*Nova pausa*) Acho... Acho que devo separar-me de Alberto. Não temos mais nada em comum.

**Buja** – Não acredito! Onde é que está aquele amor todo que sentias por ele?

**Florbela** – (*Ela fica em silêncio alguns segundos*) Será que era mesmo amor? E se fosse amor... se fosse ... Se fosse amor é por que acabou, minha amiga. Acabou!

***Entra a música tema de Florbela e luz se apaga***

Cena 5 – Os desentendimentos

Mesmo cenário

**Personagens: Florbela, Alberto Moutinho e quatro rapazes. Num canto do palco, luz em Florbela. Ela agora tem uma raposa sobre os ombros e um cigarro na mão. Longo colar de pérolas. Tem uma carta nas mãos e alê.**

**Florbela** - Alberto. Sobre a tua carta recebida hoje nada tenho a dizer-te. Ela nada adianta sobre as tuas e as minhas razões. Continuas a ter e sentir as tuas e eu as minhas. Apenas te direi que peço tréguas a este infernal cansaço destes últimos dias. Queres agora atirar para os meus fracos ombros a responsabilidade duma separação? Dizes que eu não sei o que é justiça, não sei o que é verdade, não sei o que é o amor. Eu não sei nada. Não é isso que dizes? Já que tu sabes tudo, tu és o sábio, o melhor de nós dois e de todos, então resolve, procede, simplifica. Mas não quero discursos. Resolve tudo como quiseres. Chega de teorias! Deixo tudo em tuas mãos. Será tudo como quiseres.

*Música, foco de luz muda para Alberto Moutinho que entra, garboso, tira Florbela para dançar. É um balé violento, com cenas de aproximação e repúdio. Florbela vai tirando aos poucos e jogando fora a raposa que tem nos ombros, a blusa, a saia, fica com uma roupa de dormir, leve e insinuante. Os dois se aproximam e se repelem, se atraem – quase chegam aos beijos – e se distanciam. Entram os quatro rapazes da cena 3, agora só de calças pretas e camisas brancas e participam do balé. Florbela em momentos se distancia de Alberto e cai nos braços dos rapazes. Depois volta para o marido, suas mãos quase se tocam, finalmente terminam os dois longe um do outro. Alberto sai de cena e Florbela termina a dança com os quatro rapazes. Luz apaga.*

Cena 6 - O primeiro divórcio

*Canto do palco, foco de luz nos personagens*

**Personagens:** Alberto Moutinho e João Maria Espanca, o pai

**Moutinho** - Não posso mais viver com sua filha senhor Espanca. Nosso casamento foi de mal a pior. Ela nunca se preocupou com os deveres domésticos, não cuida da casa, não me dá atenção... Estamos praticamente já separados.

**Espanca** - Tens que ver que minha filha é uma escritora, já sabias quando te casaste com ela. Vocês se conheciam desde meninos. Bela nunca teve tendências para afazeres domésticos.

**Moutinho** - Sim, senhor Espanca. Eu já sabia, mas achava que Florbela ia mudar, ia interessar-se pela casa e por cuidar de mim, afinal nós nos amávamos. Mas só se interessa pelas letras, pelos livros, escreve o dia todo... Estuda. Lê. Escreve cartas. Prepara um outro livro. Isso de matricular-se na Faculdade de Direito de Lisboa, estudar lá com trezentos e tantos homens, oh senhor Espanca, acha isso próprio para uma rapariga?

**Espanca** – Olhe, filho. Isso de estudar com trezentos homens... afinal o que é que tem? São ciúmes tolos da tua parte. Tens que considerar que a Bela tem vocação para as letras. É difícil uma pessoa desviar-se de sua vocação. Na verdade vocês não deveriam ter se casado tão cedo, ela com 19 e tu com pouco mais que isso. Florbela deveria ter estudado antes, ter-se formado, ter publicado o seu primeiro livro.

**Moutinho** – Mas, senhor Espanca, ela não me liga a mínima! Não cuida de mim!

**Espanca** - Vamos ver, vamos ver, vou falar com a Bela...

**Moutinho** - Não, Senhor Espanca, não adianta. (**Pausa**) Eu não queria dizer-lhe, queria poupa-lo, mas... mas... (**Está indeciso, afinal se decide**) vá lá! Já agora tenho que dizer-lhe. Estive em Lisboa e fiquei sabendo... (**Pausa**) Fiquei

pasmo, senhor Espanca. Sua filha, embora ainda casada comigo, tem um namoro. Ouvi dizer que está noiva...

**Espanca** – (*Muito espantado*) Noiva?!

**Moutinho** – Sim! Namora, tem um compromisso. O que me faz ver que não é mais possível que eu tolere tal coisa. Eu poderia fazer um escândalo! Há pessoas até que já se ofereceram para ser minhas testemunhas. Mas não, não quero isso. Tenho-lhe muito respeito e também sou amigo do seu filho, não devo causar problemas. Mas quero o divórcio e o mais rapidamente possível!

**Espanca** – (*Sem jeito*) Se é assim... (*Pausa*) Calculo que ... Entendo sua posição...

**Moutinho** – E para que tudo saia mais rapidamente – estas burocracias neste país são terríveis! – escrevi à Bela dizendo que ela pode propor o divórcio alegando abandono de lar. Pode arranjar testemunhas contra mim, eu não contestarei. Assim a coisa sai mais rapidamente... Em menos de um ano seremos finalmente livres, isso se ela conseguir as testemunhas contra mim. A ela não lhe convém esperar muito e a mim ainda menos. Não me convém estar casado, ainda que seja só de direito, com uma criatura que, mesmo casada, já tem outro homem...

**Espanca** – (*Muito desconcertado*) Eu lamento. Lamento muito.

**Moutinho** – Eu também lamento, senhor Espanca. Amei muito a Bela mas... não quero mais estar casado. Mesmo assim quis arranjar algum dinheiro para deixar à sua filha, como recompensa material dos prejuízos que porventura tivesse sofrido com o casamento. (*Pausa*) Mas o navio que trazia meu dinheiro de Gênova afundou e ... (*Pausa rápida*) fiquei sem vintém...

**Espanca** – *(Como se não tivesse ouvido, caindo em si, retomando o tema)*

Mas quem lhe disse que ela tem um namoro? Tem certeza disso?

**Moutinho** – Senhor João Maria Espanca, meu amigo: Lisboa inteira sabe da história. A sua filha não se esconde. Diz a todos que está apaixonada e todos a vêm com ele. É um rapaz militar... alféres, me parece. Sei-lhe até o nome: Antônio José Marques Guimarães.

**Espanca** – Bom... Se tu o dizes, se todos sabem... *(Como que se desculpando)* Eu, que sou o pai, de nada sabia...

**Moutinho** – Como lhe disse, não quero escândalos para a sua família e nem para mim. *(Pausa)* Não gostaria que o meu nome fosse jogado na lama. Se a Bela entrar com o pedido de divórcio contra mim por abandono do lar poderei dizer a todos que fui eu a deixá-la... *(Empolado, empertigado)* Salvo, assim, a minha reputação.

**Espanca** – *(Concordando, mas contrariado)* Sim, sim, é compreensível... Até agradeço... Não desejas transformar-te num corno... quer dizer, bom, desculpe a má palavra.

**Moutinho** – *(Fingindo que não ouviu a palavra corno)* Muito bem, senhor Espanca, deixo - lhe a tarefa de falar com a senhora sua filha e pedir a ela que proceda da forma como sugeri. *(Pausa)* Muito bons dias, Sr. Espanca. Passe bem. *(Cumprimenta-o com a cabeça. E sai de cena)*

**Espanca** - *(Faz um gesto de desânimo com as mãos)* E esta agora? A Bela está a sair-se melhor que a encomenda! Agora é um alféres, esse tal Marques Guimarães. E esta, agora?

**Luz apaga**

Cena 7 – O segundo casamento

(Rotunda preta)

**Personagens: Florbela e Antônio José Marques Guimarães, o segundo marido**

*Antônio José Marques Guimarães, alféres de artilharia entra em cena, fardado. Florbela atravessa o palco alegre, correndo, ela está radiante, para, ele abre os braços para acolhê-la.*

**Florbela** - És tu! És tu! Sempre vieste, enfim!

Ouço de novo o riso dos teus passos

És tu que eu vejo a estender-me os braços

Que Deus criou para abraçar-me a mim!

**Guimarães** – Minha querida! Há uma semana não nos vemos!

**Florbela** – *(Jogando-se nos braços dele)*

Olha pra mim, amor, olha pra mim!

Meus olhos andam doidos por te olhar!

Cega-me com o brilho dos teus olhos

Que cega ando eu há muito por te amar.

**Guimarães** – *(Abraçando-a)* Bela, e então? O teu divórcio já foi assinado?

**Florbela** – *(Enchendo-o de beijos)*

Minha alma de sonhar-te anda perdida

Meus olhos andam cegos de te ver

Não és sequer razão do meu viver,

Pois que tu és, já, toda a minha vida!

**Guimarães** – *(Tentando desprender-se dela)* Tem juízo, mulher! Olha as pessoas à nossa volta!

**Florbela** – Que importa o mundo e as ilusões defuntas?

Que importa o mundo e seus orgulhos vãos?

O mundo, amor! As nossas bocas juntas! (**Ela o beija**

**apaixonadamente**)

**Guimarães** – (**Tentando afastá-la**) Florbela, amo-te muitíssimo! Mas quero saber se o teu divórcio já foi assinado...

**Florbela** - Os meus braços são brancos como o linho

Quando os cerro de leve, docemente.

Oh! Deixa-me prender-te e enlear-te

Nessa cadeia assim eternamente!

**Guimarães** – (**Tentando afastá-la**) Comporta-te rapariga! Estamos na rua. Estão todos a ver-nos!

**Mas Guimarães rende-se e os dois beijam-se. Luz apaga.**

### Cena 8 – As más línguas

Cenário: telão com foto de Lisboa

**Personagens: Mulher 1 e Mulher 2**

***As duas atravessam o palco conversando***

**Mulher 1** (***Elegantemente vestida***) – Vais ver que isso não vai adiante. A dodivanas agora juntou-se a um militar. Disseram-me que o mandarão ao norte do país, para uma aldeia. Achas que a melindrosa vai gostar de viver no campo?

**Mulher 2** – (***Também elegante***) É claro que não. Acostumada à boa vida de lisboeta, restaurantes, cafés, saraus de literatura, então vai acostumar-se à uma aldeia perdida no Minho?

**Mulher 1** - Vai certamente fazer mais um infeliz!

**Mulher 2** – O que será que essa escritora tem na cabeça? É casar, é descasar, é ter amantes, é fazer versos aqui, fazer versos ali, nem se divorciou ainda do primeiro marido e já mora com o amante..

**Mulher 1** – Não me digas! Então o divórcio ainda não saiu?

**Mulher 2** - Pois não saiu, claro que não!

**Mulher 1** – Mas é uma grande devassa essa Florbela Espanca! Tem coragem para tudo! E eu que bem queria separar-me do meu homem, só não peço o divórcio para não causar escândalos!

**Mulher 2** – Nós, as mulheres honestas não podemos nos dar a esse desfrute.

**Mulher 1** – O meu homem é um grande malandro, sei que tem amantes, sei que torra escudos com elas, mas o que é que se há de fazer? Dá-me tudo o que eu quero. Ontem mesmo deu-me este anel (**Mostra o anel**) Não é lindo? E cá para nós, é um bom pai, não deixa faltar nada em casa. Agora ... na cama. Ai Deus! Aquilo é um terror!

**Mulher 2** – Pois. Mas pelo menos tens um homem. E a mim, que não aparece nenhum? Esta Florbela não sei das quantas tem vários e eu aqui, sem nenhum. Valha-me Deus!

**(Luz)**

### Cena 9 – Morte de um amor

**Cenário: Telão com foto de Lisboa**

**Personagens: Florbela, Antônio Guimarães e um par de dançarinos**

***Florbela entra de um lado do palco, Guimarães, ainda fardado, entra pelo outro. Ela tem um vestido leve e solto, os dois se encontram no meio do palco, estão felizes, sorriem, dançam. Música alegre, balé do qual participa um casal de dançarinos com rostos igualmente alegres. Depois***

*de alguns minutos a orquestra desafina, os bailarinos tropeçam, têm movimentos bruscos como se estivessem se desencontrando, o riso desaparece dos seus rostos.*

*Florbela e Guimarães se separam, ela se aproxima de Guimarães, quer beijá-lo, ele a empurra. Florbela faz gestos desesperados para se aproximar do marido. Guimarães põe uma carabina ao ombro e marcha em direção à saída do palco. Florbela vai atrás dele, tenta, outra vez, beijá-lo, Guimarães a empurra com brutalidade. Florbela cruza os braços, indignada. Os bailarinos a arrebatam para dançar, começa uma dança desesperada dos três, ela acaba caindo num dos lados do palco, destroçada, soluçando. Guimarães alheio a tudo, descansa a arma no chão e olha com desprezo para ela. E sai. Os bailarinos executam um balé enérgico em torno da poetisa caída e deixam o palco. Focos de luz em Florbela vão diminuindo até apagar-se.*

#### Cena 10 – As fofoqueiras

*Cenário: canto do palco, mesa de confeitaria*

**Personagens:** Mulher 1, Mulher 2, Mulher 3 e garçom

*Música alegre ao fundo. Mesinha redonda de café onde estão sentadas a Mulher 1 e a Mulher 2, elas usam chapéus e uma delas fuma com piteira bem longa. O garçom atravessa o palco levando bandeja com xícaras e bule. Entra a Mulher 3, também elegante e também de chapéu. A música é alegre, saltitante.*

**Mulher 3** – Então, minhas queridas, alegria encontrá-las! Que prazer!

**Mulher 1** – O prazer é todo nosso, amiga! Vens bonita, tão bonita de se ver!

**Mulher 3** - Tenho novas pra vos dar, coisa de espanto!

**Mulher 2** – (*Inclinando-se para ouvir melhor*) Então diga, amiga, ora diga!

**Mulher 3** – É Florbela, a poetisa. (*Pequena pausa*) Separou-se do marido!

**Garçom** (*Mãos ao ouvido, abusadamente perto delas*)

**Mulher 1**– Do alféres? Mas casaram-se outro dia!

**Mulher 2** - Oh! Senhor, que grande libertina! Uma agonia!

**Garçom** – (*Esforçando-se para ouvir*) Qual agonia! É alegria!

**Mulher 3** – Casou-se só há uns dois anos! Separou-se ... e já tem outro!

**Mulher 1**– (*Cara escandalizada, olha para a Mulher 2, boquiaberta*) Já tem outro, essa Florbela?

**Mulher 2** - Mas o que é que os homens vêm nela?

**Garçom** - É linda! Magra, elegante! Simplesmente eletrizante!

**Mulher 3** – Messalina! Doidivanas, essa poeta alentejana!

**Mulher 1** – Como soubestes, amiga?

**Mulher 2** – Conta-nos mais! Mais! Muito mais!

**Mulher 3** – Foi o marido, o tal alféres quem quis divorciar-se! E ela? – qual, esperes! Já correu para outro homem!

**Mulher 1** – Quem é o outro?

**Mulher 2** - Já se sabe quem é o outro?

**Garçom** – Quem é o homem? Quem será o felizardo?

**Mulher 3** – Desta vez o amante é médico. Já cuidava dela, pois Florbela, dizem todos, vive doente.

**Mulher 1**– Ah! Doente! Talvez finja!

**Mulher 2** – Ela finge, certamente! Qual doente!

**Mulher 3** – Dizem que é neurastenia! Falam também em pneumonias... Uma atrás da outra! Outros dizem que há anos sofre dos pulmões.

**Mulher 2** – Dos pulmões é que não! Da cabeça... isso com certeza!

**Garçom** – Tão formosa! Uma lindeza! Roda a cabeça dos homens! É altiva!  
Uma princesa!

**Mulher 2** – Ó senhor, mas que atrevido! Dando opiniões em nossa conversa!  
Põe-te no teu lugar, homem!

**Mulher 1** – É um atrevido!

**Garçom** – Não fiz nada, senhoras! Mas peço perdão se as ofendi...

**As três se levantam e vão saindo, furiosas, resmungando contra o garçom.**

**Mulher 2** - Malcriado! Malandro!

**Mulher 1** – Ora vejam! Um empregado a meter-se na conversa de senhoras.

**Mulher 3** – É caso de fazermos queixa ao proprietário do café! Então um funcionário, a intrometer-se no que não lhe diz respeito!

**Mulher 1** – E defendendo a messalina! Isso tem jeito?

**Mulher 2** – Este país já não é o mesmo!

**Mulher 3** – A ralé colocando as manguinhas de fora. E metendo-se conosco!

*(Elas saem)*

**Garçom** – *(Correndo atrás delas)* – A conta, senhoras! Esqueceram-se da conta! Oh! Diabo! São contra a linda Florbela e ainda por cima esquecem-se da conta!

*( Luz apaga )*

### Cena 11– A carta ao irmão

**Personagem:** Florbela

**Quando a luz se acende Florbela está no palco, veste uma túnica branca, e fala alto, olhando para a plateia. Música tema da Florbela.**

**Florabela** - Apeles, irmão querido, alma gêmea da minha: não fazes ideia de quanto tenho sofrido, foi um verdadeiro calvário, esse que tive com o Antônio! Não me queixei, não proferi uma única palavra de queixa! Ninguém viu minhas lágrimas, sofri grosserias e humilhações, brutalidades e tenho me resignado a viver no maior dos abandonos morais, na mais fria indiferença. Mas estou sempre em busca do Amor. Eu o procuro por toda a parte, vou estar sempre à procura dele. Quanto ao Antônio, (*faz pausa longa, olha agora para o infinito e diz um poema*): “Ódio por ele? Não... Se o amei tanto/ se tanto bem lhe quis no meu passado/ Se o encontrei depois de o ter sonhado/ Se à vida assim roubei todo o encanto.../ Que importa se mentiu? E se hoje o pranto/Turva o meu triste olhar, marmorizado/Olhar de monja, trágico, gelado/Como um soturno e enorme Campo Santo!/Ah! Nunca mais amá-lo é já bastante!/Quero senti-lo doutra, bem distante/ Como se fora meu, calma e serena/ Ódio seria em mim saudade infinda/Magoa de o ter perdido, amor ainda/ Ódio por ele? Não... Não vale a pena...”

***Foco de luz se apaga em Florabela***

**Cena 12 – Rompimento com a família**

**Personagens: João Maria Espanca, o pai e Apeles, o irmão**

**Espanca** – (*Muito zangado, anda pelo palco de um lado para o outro*) Viste o que fez agora a tua irmã? Deixou o segundo marido e já correu para outro...  
Dá-me vergonha!

**Apeles** – Precisamos ver o que se passou, pai. Ela escreveu-me uma carta em que dizia ter sofrido muito, que o Alferes Guimarães era bruto, ciumento...

**Espanca** – Ela dá razão a que tenham ciúmes. Foi o mesmo com o Alberto. Sabes muito bem como se comportou com o Alberto.

**Apeles** – Disse-me que ninguém sabe o sofrimento que teve, que não falava nada para não nos preocupar. Precisamos ouvi-la, pai! Temos que ouvi-la!

**Espanca** – Não! Não quero mais falar com ela, não quero vê-la. Toda hora se queixa da vida, diz que sofre, que está mal, que tem febres... Ora bem, agora chega! Não é possível que esteja sempre mal, que se queixe tanto, que se sinta a última das mulheres! Para que essa criatura quer a inteligência se não há meio de ser feliz? Tudo tem limites!

**Apeles** - Eu preferia ouvi-la...

**Espanca** – Para quê? Para nos dizer o mesmo de sempre? Que sofre, que se sente a última das mulheres, que não sei mais quê!?

**Apeles** – Terá... talvez. Terá talvez algo a nos explicar...

**Espanca** – Não devemos crer em nada do que diz! São coisas da cabeça da Bela! É louca! Endiabrada Bela! Por mim, agora chega! Vou romper com a tua irmã! Eu a sustentei, paguei-lhe a faculdade, ela foi para Lisboa e logo desistiu da faculdade e separou-se do Alberto. Recebi muito bem o segundo marido... embora preferisse o Alberto Moutinho, alentejano como nós. Mas enfim, recebi-o bem. E ela agora paga-nos dessa forma? Outro marido?

**Apeles** – Mas, pai! E se o alferes realmente a maltratava?

**Espanca** – Não tem mas e nem meio mas. A tua irmã não se portou bem. Contaram-me que chamou o marido de malandro em público. Parece que além do pedido de divorcio o Alferes vai entrar com um processo contra ela...

**Apeles** – (*Incomodado, aflito*) Senhor, só nos faltava isso! (*Pausa, baixa a cabeça, resignado*) A Bela não tem jeito...

**Espanca** – Não tem jeito, não tem modos, não tem compostura, não tem cabeça para nada! Não quero mais saber dela! E proíbo-te de aproximar-te dela. Só nos faz vergonha!

**Apeles** – Precisamos considerar que ela tem uma alma sensível, delicada...

**Espanca** – Estou farto dessas delicadezas, desses sofrimentos, ninguém serve para ela, parece ter a cabeça sempre na lua, diz que ninguém a quer, que não a amam... Tu bem sabes que até a mim acusa-me de não gostar dela. Isso tem cabimento? Achas que não gosto da tua irmã? Levei-vos a ti e a ela para minha casa, criei-vos com todas as possibilidades que tinha, achas que isso não é amar?

**Apeles** – Oh! Pai, mas nas nossas certidões de nascimentos somos filhos de pai incógnito, nunca nos reconheceu como filhos...

**Espanca** – *(Muito zangado)* – Isso são firulas! Para que quereis papeis de reconhecimento em cartório? Pai é aquele que cria, que sustenta. E isso fiz. E fiz muito bem feito! Faltou alguma coisa para vocês os dois? Faltou?

**Apeles** – Não, pai, mas...

**Espanca** – Nem mais uma palavra, Apeles, do contrário aborreço-me contigo também. E nada de procurar a tua irmã. Ela não merece que nos preocupemos com ela! Para mim chega! *(Sai de cena, zangado)*

*Apeles abaixa a cabeça e sai também de cena, atrás do pai.*

Luz cai.

Cena 13 - A noite feliz

Telão com foto de Lisboa

**Personagens: Florbela, a amiga e escritora Aurélia Borges e alguns rapazes elegantes. No final, Mário Laje.**

*Ao fundo música de carnaval, Florbela e Aurélia Borges, vestindo dominós negros, com raminhos de violetas e mascaras negras de cetim, andam pelas ruas chuvosas de Lisboa. Florbela vai atirando raminhos de violeta aos rapazes que as cortejam. Ela ri, alegre. Música ao fundo.*

**Florbela** – Não vou esquecer-me desta noite. Jamais! Estou tão feliz, Aurélia! Tão feliz por termos combinado sair. Sofri tanto com este último casamento! E graças aos céus hoje sou novamente feliz! Eu não merecia os sofrimentos pelos quais passei!

**Aurélia** – Claro que não merecias!

**Florbela** – Antônio estava sempre ausente. É um republicano ferrenho, muito empenhado, comecei a sentir que a República me roubava o amante, depois o marido. A República foi minha grande rival. Antônio maltratava-me, dizia-me coisas que não se diz a uma mulher. A convivência ficou difícil. Então conheci o senhor doutor... *(ela sorri)* o senhor Doutor Mário Laje, comecei a tratar-me com ele. É um excelente médico. Gentil. Calmo. Ouve-me com paciência. Entende-me. *(Pausa)* Apaixonei-me, Aurélia. Estou novamente perdidamente apaixonada!

**Aurélia** - Será que agora encontraste o homem que, finalmente, vai-te fazer feliz?

**Florbela** – *(Muito alegre)* Sim, sim, sim! Estamos juntos, vamos nos casar assim que sair o divórcio. E vou também casar-me na igreja, pela primeira vez. A família dele é católica, tratam-me tão bem! Acho que nunca alguém tratou-

me assim. O Mário, então, minha amiga, é o homem que eu deveria ter encontrado muito mais cedo. Apanhou o farrapinho em que eu me tinha transformado, aqueceu-o e anda com ele, agora, junto ao coração como se fosse um tesouro.

**Aurélia** - Fico feliz por ti, Bela.

**Florbela** – O que me aborrece é que meu pai e meu irmão romperam comigo. Criticam-me pelo terceiro casamento. Mas Aurélia, meu pai não pode acusar-me. Nasci de uma ligação dele com uma criada. E logo depois ele se relacionou com outra criada da casa, bem aos olhos de Mariana, que era sua mulher legítima. Como é que agora quer atirar-me pedras?

**Aurélia** – O que me desnorteia é teu irmão Apeles, sempre tão teu amigo...

**Florbela** – Apeles é irmão e também filho. É o filho que não tive! Magoa-me que tenha seguido a cabeça do Sr. Espanca. Apeles é sensível, desenhista competente. Bonito, corajoso, elegante! É quase insuportável que tenha rompido comigo. Se não fosse o Mário, ah o Mário! Tem-me feito tão bem! Com ele comecei, realmente, a viver! Agradeço a Deus a felicidade que depois de tantos tormentos fez-me a esmola de me dar!

**Aurélia** – Essa tua felicidade não é esmola, Bela, deixa-te disso. Conquistaste essa felicidade. Se alguém merece ter conquistado a felicidade esse alguém és tu.

**Florbela** – Se a conquistei, não sei. Sei que ela chegou. Está aqui e faz-me o coração bater e faz-me o cérebro criar versos de amor...

***Luz apaga, entra em cena Mário Lage, a música de carnaval se transforma em música romântica. Florbela estende os braços para ele Foco de luz nos dois enamorados, agora de mãos dadas.***

**Florbela** - Silêncio, meu amor, não digas nada!

Cai a noite nos longes donde vim...

Toda eu sou alma e amor, sou um jardim,

Um pátio alucinante de Granada!

**Mário** – Dos meus cílios a sombra enluarada

Quando os teus olhos descem sobre mim,

Traça trêmulas hastes de jasmim

Na palidez da face extasiada!

**Os dois** – Sou no teu rosto a luz que o alumia

Sou a expressão das tuas mãos de raça

E os beijos que me dás já foram meus!

**Florbela** – Em ti sou Gloria, Altura, Poesia!

E vejo-me – milagre cheio de graça,

dentro de ti, em ti igual a Deus!

**Florbela** - (***Para a plateia, de braços abertos***) – Sou tão feliz! Sou tão feliz!

Tão feliz que já posso morrer! Um dia os portugueses vão perdoar esta Florbela Espanca que tanto amou a pátria, um dia meu pai e meu irmão hão de perdoar-me por estar sempre à procura do amor verdadeiro, um dia os intrigantes deste país vão ter orgulho de mim, um dia as pessoas que me apontaram o dedo e dizem tanto mal de mim vão acabar por compreender-me. Estou feliz, feliz! Posso, agora, até morrer!

***Música tema de Florbela (O Alecrim) entra enquanto ela fala para a plateia e sobe até a luz se apagar e a cortina baixar***

## 2º ato

Cena 1 – A morte  
Cenário: uma capela

**Personagens:** Florbela, Mário Laje, Guido Battelli (o italiano, professor de Coimbra, que estava providenciando a edição de dois livros dela), uma criada, Lena (a amiga que ela esperava) e pessoas que comentam a morte

*O cenário representa a capela de Matozinhos onde Florbela está sendo velada. O palco está dividido em dois planos. No de cima, a uns dois metros de altura do primeiro, Florbela, morta, sobre uma mesa. Na de baixo, Mário Laje, Guido Battelli e a Criada conversam. Música fúnebre. Barulho de chuva. Relâmpagos e trovões. Cai uma tempestade lá fora. Música tema de Florbela ao fundo. Com compasso fúnebre.*

**Criada** – (*Chorosa*) Senhor doutor, quer que eu lhe consiga um chá?

**Mário Laje** – Não, obrigado. Não preciso de nada.

**Guido Battelli** – (*Entrando, de capa de chuva, molhado*) Vim assim que pude, Senhor Doutor. Que lástima!

**Mário** – Sim senhor Guido Battelli, uma grande perda.

**Battelli** – Parece-me estranho que tenha dado cabo da vida... estava tão...

**Mário** – (*Interrompendo, sério, mas não zangado*) Não deu cabo da vida, senhor Guido Battelli. Morreu de edema pulmonar.

**Battelli** – (*Sem jeito, é uma pessoa estranha, cheia de ademanes*) Sim, estava tão entusiasmada em ver o seu livro editado. Escreveu-me ainda há

poucos dias dizendo que não aguentava esperar, disse-me “parece-me que morro antes de ver os meus livros”

**Mário** – Sim, estava muito ansiosa. Mas estava doente, magra, esquelética mesmo, muito fraca, vivia mais deitada que em pé. Tinha problemas nos pulmões há muitos anos.

**Criada** – Mas estava tão entusiasmada! Por que hoje, senhor Guido, hoje são os seus anos. Convidou a senhora dona Lena, uma amiga, para vir até cá e mandou-me que arranjasse os salões...

**Mário** – É verdade. Deitou-se, ontem, muito alegre.

**Criada** – (**Chorando**) Minha senhora tão delicada, tão amorosa!

**Mário** – Não pudemos leva-la, ainda, ao cemitério. Não para de chover desde que o senhor pároco encomendou o corpo. Uma tempestade como nunca se viu!

**Criada** – É o céu chorando por ela...

**Lena** (**A amiga, entrando com um enorme guarda-chuva, aflita, vem molhada**) – Senhor doutor Mário Laje, é verdade o que me contaram lá fora?

**Mário** - (**Triste, abre-lhe os braços**) Sim, Lena, é verdade.

**Os dois se abraçam, a amiga chora.**

**Lena** – Mas não é possível! Escreveu-me tão feliz! Pediu, exigiu mesmo que eu viesse aos seus anos!

**Battelli** – Estamos todos aparvalhados e muito tristes! Isto não deveria ter acontecido. Eu bem suspeitei que um dia ela cometeria esta loucura...

**Mário** – (**Zangando-se**) Já lhe disse, Sr. Battelli, que ela morreu com problemas nos pulmões. Não deturpe as coisas!

**Battelli** - (**Desculpando-se**) Sim, sim! Claro. Problema nos pulmões...

**Lena** – Que desgraça, senhor doutor! Que desgraça!

**Luz se apaga sobre os três personagens e se acentua em Florbela morta.**

**Ela se levanta, tem uma veste branca, longa, olha para o infinito.**

**Florbela** – Não é uma desgraça! Há tanto tempo que eu esperava por este momento. Eu sonhava com a morte. Eu a queria. Eu a chamava!

**(Ela declama)**

Deixai entrar a morte, a Iluminada,

A que vem para mim pra me levar

Abri todas as portas par em par

Como azas a bater em revoada!

Morte, minha senhora dona Morte!

Tão bom que deve ser o teu abraço

Languido e doce como um doce laço

E como uma raiz, sereno e forte!

Dona Morte dos dedos de veludo

Fecha-me os olhos que já viram tudo!

**Luz apaga lentamente em Florbela**

## Cena 2 – Os detratores de Florbela

**Cenário: canto do palco transformado em local frente da Igreja onde se dá o velório**

**Personagens: Florbela, Homem 1, Homem 2, Mulher 1, mulher 2 Aurélia**

**Borges, Escritor 1, Escritor 2**

**Detratores e amigos de Florbela entram, um pouco em tumulto. Mário Lage, Battelli, Lena e a Criada ficam na penumbra e em seguida saem de cena.**

**Jornalista** – (*Vindo da plateia*) Além de tudo, uma suicida!

**Mulher 1** – (*Entrando da esquerda*) Suicídio é pecado mortal. Mas o que fizeram para não haver escândalo? Falsificaram o atestado de óbito. Lá está: morte por insuficiência respiratória.

**Mulher 2** – (*Também vindo da plateia*) Era uma louca! Desta vez o suicídio deu certo... Já tinha tentado outras vezes...

**Homem 1** - (*Entrando da direita, persignando-se*) Deus de bondade! Suicidar-se! Acabar com a própria vida, que é de Deus!

**Aurélia Borges** - (*Entrando, grita ainda na plateia*) Alto lá, senhores! Florbela não tirou a própria vida. Deve ter sido um acidente!

**Homem 2** – (*Do palco*) Acidente? Imagina!

**Inimigos** - *Todos juntos, riem-se, comentam, agitam-se.*

**Escritor 1** - (*Entrando no palco logo depois de Aurélia*) Todos sabemos que depois da morte do irmão ela só conseguia dormir tomando Veronal...

**Luz se acende sobre Florbela no plano superior**

**Florbela** – Sim, a morte de Apeles me arruinou de vez a saúde. Meu irmão querido, aviador competente, amigo e filho tão amado! Seu avião mergulhou no Tejo, ali, bem em frente à Torre de Belém. Não acharam o meu morto querido. Onde andará o corpo do meu irmão? “Eu fui na vida a irmã de um só irmão/ E já não sou a irmã de ninguém mais!”

**Ação novamente vai para o plano inferior**

**Mulher 1** – Sim, Veronal, foi o que me informaram. Foram encontrados dois vidros vazios ao lado do corpo. Se isso não foi suicídio... então o que foi?

**Homem 1** - Se isto não é suicídio eu sou um asno de lavoura!

**Escritor 2** - (*Entrando*) Oh! Senhor asno de lavoura, então zurre, faz favor!

**Homem 1** - (*Irritado, avançando sobre Escritor 2 e sendo contido pelos outros*) Ofensas, agora? Respondo-lhe com um tiro!

**Escritor 2** - Qual tiro, qual o quê! Não tens vergonha de atacar uma mulher e ainda por cima uma mulher morta, que não pode defender-se e vens ameaçar-me com um tiro? Muito corajoso! Um tiro! Ora, dê-me um tiro, se me faz favor! Quero ver isso!

**Aurélia** - Vou dizer a vocês porque não foi suicídio. Escreveu a uma amiga pedindo que viesse vê-la, era o dia dos seus anos. E além do mais iam ser publicados dois dos seus livros. Como é que ia matar-se às vésperas do lançamento dos livros que tanto queria ver publicados?

**Mulher 1** - Isso não prova nada. Essa senhora gostava muito de chamar a atenção sobre si mesma. Matou-se para ganhar a celebridade que não conseguiu com os poemas indecorosos que fazia.

**Homem 2** – A família é toda destramelhada! Dizem que a morte do irmão, cujo avião mergulhou no Tejo também foi suicídio...

**Aurélia** – Posso saber por que o senhor tanto se mete na vida alheia?

**Mulher 1** – Contam que tanto o pai quanto o irmão não falavam mais com ela...

**Aurélia** – Também é mentira, senhores. Ficaram rompidos durante dois anos, mas reataram muito antes da morte de Apeles. Tanto que Florbela há alguns meses passou uma temporada na casa do pai, em Évora.

**Luz em Florbela, no plano superior.**

**Florbela** - Évora! Ruas ermas sob os céus

Cor de violetas roxas...ruas frades

Pedindo penitencia a Deus

Que nos perdoe as míseras vaidades.

Évora, minha cidade! Alentejo, minha terra!

Ó minha terra na planície rasa,

Branca de sol e cal e de luar,

Minha terra que nunca viste o mar,

Onde tenho o meu pão e a minha casa!

***De agora em diante começa um duelo entre Florbela e seus detratores***

**Homem1** – Contaram-me que já estava apaixonada por outro homem, também médico – aliás, colega do Dr. Laje – um que também é músico.

**Florbela** – Sim, eu estava amando novamente!

E enquanto o piano a doce queixa exala,

Divina e triste, a grande sombra loira

Vem para mim da escuridão da sala...

**Mulher 1** – Deus me perdoe, mas era muito leviana! E má, essa senhora...

**Florbela** – Eu não sou boa, nem quero sê-lo. Odeio as pessoas felizes!

- Odeio-os do fundo de minha alma!

**Mulher 2** – Desnaturada!

**Florbela** – Sou uma revoltada que aceita todo o mal da vida!

**Mulher 1**– Casou-se no religioso só por que a família do marido exigiu. Não acreditava em Deus!

**Florbela** - Quem me dirá se, lá no alto, o céu

Também é para o mau, para o perjuro?

Para onde vai a alma que morreu?

Queria encontrar Deus! Tanto o procuro!

**Homem 1**– Acho que foi uma doente mental!

**Florbela** – Meus nervos, quizes de oiro a tilintar

Cantam-me n'alma a estranha sinfonia

Da volúpia, da mágoa e da alegria,

Que me faz rir e que me faz chorar!

**Mulher 1** – Não deveria ser permitido dar-lhe sepultura cristã! Foi uma dodivanas, uma perdida. E uma suicida!

**Florbela** – Alma de luta, sempre incompreendida!

***Luz apaga. Música tema de Florbela se ouve no escuro***

Cena 3 – Homenagem

***Cenário: o mesmo da primeira cena do 1º. Ato. Sem a estátua de Florbela***

**Personagens: Jornalista, David Celestino, João Maria Espanca, Buja e outros amigos de Florbela. E os inimigos.**

**Escritor 1** – (***Conversando com Aurélia***) Algumas semanas depois da sua morte seus livros se esgotaram. Foram feitas outras edições. E o pilantra do italiano que publicou os seus livros – o tal de Guido Battelli – pois ele foi quem espalhou a tese de suicídio, para causar escândalo e vender os livros que editou. Na verdade ganhou uns trocados com a venda dos livros, mas Florbela tornou-se conhecida.

**Buja** - Conhecida e amada!

***Outros defensores de Florbela entram em cena, dizem poesias em coro.***

***Música alegre ao fundo.***

Amada mulher, poeta amada!

Flor da chameca alentejana!

Maltratada e injustiçada

Queria apenas ser feliz!

Ser a moça mais linda do povoado

Pisar, sempre contente o mesmo trilho

Ver descer sobre o ninho aconchegado

a benção do Senhor em cada filho!

Maltratada e injustiçada

Queria apenas ser feliz.

***Entram em bando os detratores de Florbela, fazendo grande alarido, com faixas onde dizem ser contra o busto que os amigos querem erguer em Évora. Coro guerreiro do início da peça***

***Coro dos detratores:***

Impudica, insaciável!

Doidivasas, prostituta!

Ah! Florbela! Tresloucada!

Incestuosa, escandalosa

Desvairada e devassa

Mau exemplo no país!

Literata infeliz!

Ah! Farsante! Tua estátua/Não se erguerá neste país! (BIS)

***Coro dos defensores:***

Nasceu mulher e mulher flor!

Tantas almas dentro dela!

Ah! Florbela! Inspiração

E coragem pra lutar!

Tanta audácia para amar!

Poeta grande cujo nome

varou tempos, infinita

Soberana, triunfante

tua estatua será posta

neste solo, nesta vila! (BIS)

**João Maria Espanca** – Mas o que é isto? Não se cansam de lutar contra uma criatura morta? Minha filha morreu há anos. Parem de lutar contra ela!

**Jornalista** – (*Para Espanca*) Senhor Espanca, não pode defendê-la. Florbela continua uma enjeitada, filha de pai desconhecido! E pretendem colocar na praça o busto de uma mulher que além de pecadora foi até enjeitada pelo próprio pai? O senhor sequer a perfilhou!

**Espanca** – (*Surpreso, mas decidido*) A questão é essa? Eu não a ter reconhecido? Pois vou fazê-lo. Nem que seja a última coisa que faça na vida! Se um dos motivos para que não seja erguida a sua estátua é por que era filha de pai desconhecido, pois não será mais. Vou ao cartório agora mesmo e corrijo isso! (*Sai de cena*)

**Amigos de Florbela batem palmas enquanto o pai sai.**

**Buja** – Vocês não têm outras coisas a fazer? Deixem a morta em sossego!

**Mulher Intelectual** – É uma questão de justiça. Como é que podemos aprovar homenagens a uma depravada?

**Escritor 1** – Mas o que é isso? Florbela morreu em 1930, estamos em 1949! Já se passaram dezenove anos da morte e vocês ainda não se cansaram de persegui-la? Que espécie de ódio é esse? O que ela vos fez de tão grave?

**Dona de casa** – Fez mal à família portuguesa!

**Jornalista** – Tentou quebrar nossos parâmetros cristãos!

**Freira** – Ofendeu a Deus!

**Escritor 1** – Mas que teimosia, que perseguição!

**Celestino David** – O busto de Florbela que mandei fazer está pronto há anos! Vocês não se cansam de persegui-la, mas nós também não nos cansamos e vamos colocar seu busto no Jardim Público de Évora, custe o que custar!

**Buja** – Já temos licença da Câmara!

**Escritor** – Já temos pedreiros voluntários para chumbar a estátua no pedestal.

**Freira** – A Igreja Católica não vai permitir!

**Buja** – A Igreja Católica que se lixe! Vamos colocar a estátua de Florbela na praça e pronto! Ela merece essa homenagem! É a maior poetisa portuguesa!

**Celestino David** – Ninguém nos impedirá!

**Freira** – Quero ver isso! Quero ver!

**Mulher intelectual** – Duvido! E faço pouco!

**Buja** – Só penso, entristecida, no que diria Florbela se pudesse vos ouvir...

### ***Luz apaga***

#### **Cena 4 – Indiferença de Florbela**

### ***Florbela***

#### ***Foco de luz em Florbela, num canto do palco.***

**Florbela** – “Que me importa a estima dos outros se eu tenho a minha? Que me importa a mediocridade do mundo se Eu sou Eu? Que importa o desalento da vida se há a morte? Com tantas riquezas por que sentir-me pobre?”

### ***Luz apaga em Florbela***

#### ***Tempo em que o tema de Florbela invade a escuridão do teatro***

#### **Cena 5 – Enfim, a homenagem**

**Personagens: todos os amigos de Florbela e finalmente a poetisa**

***Palco às escuras. O primeiro que entra em cena, na escuridão, traz uma lanterna. Aos poucos os outros entram, também com lanternas. O busto de Florbela está em cena. As falas são no escuro, há apenas a luz das lanternas***

**Escritor 1** – Cuidado. Ninguém faça ruídos...

**Escritor 2** – Vamos devagar...

**Buja** – Alguém deve ficar na esquina da praça a vigiar...

**Espanca** – Já coloquei pessoal meu em cada esquina... Vão assobiar se vier alguém.

**Escritor 3** – Onde estão os operários? Trouxeram o cimento? Vamos colocar a estátua antes que amanheça.

**David Celestino** – Iluminem para que possamos erguê-la.

***Todos dirigem suas lanternas para o busto de Florbela, então ao chão, e alguns operários o erguem e o colocam no meio da praça, num pedestal de metro e meio. Os operários trabalham “chumbando” o monumento. Enquanto isso em boccachiusa os amigos de Florbela cantam a música símbolo do Alentejo, o “Alecrim”. Quando terminam, o dia está nascendo e um raio de sol ilumina o rosto do monumento. O dia vai raiando, há agora grande claridade e todos cantam, cada vez mais forte.***

**Todos**

Alecrim, alecrim dourado

Que nasceu no monte sem ser semeado

Alecrim, alecrim dourado

Que nasceu no monte sem ser semeado.

Quem foi que te disse a ti

Que a flor do monte era o alecrim?

Quem foi que te disse a ti

Que a flor do monte era o alecrim?

***Os atores voltam à boccachiusa. Florbela entra em cena, túnica branca, radiosa e declama o poema seguinte:***

Eu queria mais altas as estrelas

Mais largo o espaço, o sol mais criador

Mais refulgente a lua, o mar maior,

Mais cavadas as ondas e mais belas;

Mais amplas, mais rasgadas as janelas

Das almas, mais rosais a abrir em flor,

Mais montanhas, mais asas de condor

Mais sangue sobre a cruz das caravelas!

E abrir os braços e viver a vida,

-Quanto mais funda e lúgubre a descida

Mais alta é a ladeira que não cansa!

E acabada a tarefa... em paz, contente,

Um dia adormecer, serenamente,

Como dorme no berço uma criança!

Cena 6 – Vitória final

**Personagens: Todos os atores e figurantes em cena**

***Todos os atores entram com fotos de Florbela presas a cartazes – as diversas fotos que dela existem – e vão executar um balé – a música é a inicial, a música guerreira – utilizando o cartazes com as fotos que***

***sobem e descem ritmicamente em suas mãos. Música cessa. No fundo do palco começa um filme em que se mostra o traslado dos seus restos mortais para Vila Viçosa.***

**Voz bem alta** – Aos dezesseis dias do mês de maio do ano de mil e novecentos e sessenta e quatro, no Cemitério de Matozinhos procedeu-se ao piedoso e histórico ato de exumar os despojos de Florbela Espanca...

***O balé com as fotos continua se desenrolando durante o filme, agora em silêncio.***

**Outra voz** – Fui informado de que Florbela Espanca se casou catolicamente e teve enterro religioso. Como Ministro de Cristo tenho que seguir os passos do Senhor. Autorizo, portanto, que a grande Poetisa possa repousar em Vila Viçosa. E rezo pela sua alma que tanto sofreu nos poucos anos de vida - Manoel, Arcebispo de Évora, 1964

***O balé continua, agora seus integrantes dizem em jocal a estrofe de uma cena anterior***

Amada mulher, poeta amada!

Flor da charneca alentejana!

Maltratada e injustiçada

Queria apenas ser feliz!

Ser a moça mais linda do povoado

Pisar, sempre contente o mesmo trilho

Ver descer sobre o ninho aconchegado

a benção do Senhor em cada filho!

Maltratada e injustiçada

Queria apenas ser feliz.

Nasceu mulher e mulher flor!

Tantas almas dentro dela!

Ah! Florbela! Inspiração

E coragem pra lutar!

Tanta audácia para amar!

Poeta grande cujo nome

varou tempos, infinita

Soberana, triunfante

tua estatua será posta

neste solo, nesta vila! (BIS)

***O canto agora continua baixinho, o balé com as placas continua e***

***Florbela, veste branca, braços abertos, declama o seu soneto mais***

***famoso “Amar”***

Eu quero amar, amar perdidamente!

Amar só por amar! Aqui, além...

Mais Este e Aquele, o Outro e toda a gente...

Amar! Amar! E não amar ninguém!

Recordar? Esquecer? Indiferente!

Prender ou desprender? É mal? É bem?

Quem disser que se pode amar alguém

A vida toda é porque mente!

Há uma riqueza em cada vida:

É preciso cantá-la assim florida

Pois se Deus nos deu voz foi pra cantar!

E se um dia hei de ser pó, cinza e nada

Que seja a minha noite uma alvorada

Que me saiba perder, pra me encontrar!

***Amigos de Florbela cantam a música “Alecrim” e evoluem pelo palco com os cartazes com fotos de Florbela. Terminam enfileirados de frente para a plateia, e abrem alas para a poetisa, que aparece de braços abertos cantando também.***

Fim

